

As fronteiras invisíveis da cidade: hegemonia e contra-hegemonia na construção da imagem da favela no Jornal O Dia¹

Ana Cristina Costa de Lima e Silva²

Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, RJ

Resumo: Este artigo propõe uma análise da coluna *Rio sem fronteiras*, do jornal O Dia. Criada em 2012, sua proposta é a de levantar as necessidades das comunidades em que foram instaladas as Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs), apontando carências e intermediando o diálogo entre poder público e moradores. A partir dos conceitos de hegemonia e ideologia do filósofo italiano Antonio Gramsci e de outros autores que adotam o pensamento gramsciano como referencial, propõe-se uma reflexão se a iniciativa é, de fato, o que se poderia classificar como iniciativa contra-hegemônica na mídia carioca.

Palavras-chave: contra-hegemonia; favela; hegemonia; ideologia; mídia

Introdução

Quando o jornalista e escritor Zuenir Ventura lançou, em 1994, *Cidade Partida*, o Rio de Janeiro vivia como um barril de pólvora, ameaçado pelo tráfico de drogas e pelo domínio de comunidades carentes e favelas da cidade por facções criminosas. Como ele explica em sua obra, o livro está dividido em dois momentos, intrinsecamente ligados. O primeiro, na década de 1950, apesar de representado como os anos dourados, escondia

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Mídias e Liberdade de Expressão, XV Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de 4 a 7 de setembro de 2015, no Rio de Janeiro/RJ

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano da Universidade Federal Fluminense (UFF), sob orientação do prof. Dr. Marcio de Souza Castilho. Pesquisadora do LaPa (Laboratório de Pesquisas Aplicadas do Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano). E-mail: anacostals@gmail.com

tensões e conflitos que explodiriam décadas depois, oriundos do crescimento da desigualdade social, quando se passa o segundo momento do livro, na década de 1990. Para este, o autor seleciona um episódio específico: a chacina de 21 pessoas na favela de Vigário Geral.

Para construir a obra, Ventura desenvolveu, na primeira parte, que chamou de *A idade da inocência*, um trabalho de pesquisa e levantamento de material da época. Já a segunda parte, *O tempo dos bárbaros*, foi fruto da vivência do autor em visitas regulares à favela ao longo de 10 meses. A cisão da cidade, conforme tenta explicar, é fruto de um processo que ocorre ao longo de décadas, séculos, que historicamente remonta à libertação dos escravos. Com a abolição da escravatura, surgem as primeiras favelas da cidade, nos morros de Santo Antônio e da Providência, principalmente com escravos recém-libertos.

No entanto, no início do século XX, o Rio de Janeiro, então capital do Brasil, começa a sofrer a pressão por progresso e modernização já vivida por diversas cidades europeias. Assim, o prefeito do Distrito Federal, Francisco Pereira Passos, planeja e executa a que seria das mais significativas reformas urbanas de seu tempo, rasgando ruas e alargando avenidas, como a avenida Central, atual Rio Branco. Para isso, milhares de pobres, muitos deles ex-escravos, moradores principalmente dos cortiços no centro da cidade, são removidos ou expulsos para outras localidades, principalmente os morros próximos. Desta maneira, o espaço público nobre do centro passa a ser privilégio da classe burguesa, que nela centra seus negócios. “A cidade civilizou-se e modernizou-se expulsando para os morros e periferia seus cidadãos de segunda classe” (VENTURA, 1994:13).

A partir daí, décadas de segregação e separação marcaram a cidade do Rio. Para Ventura, essa política foi determinante para ter como resultado uma cidade partida, em que o que se imaginava como “solução final” – a remoção e o extermínio – “revelou-se igualmente desastrosa, por iníqua e impraticável” (ibid:13). Ou ainda, como explica Marcelo Burgos:

...a consolidação das favelas cariocas – especialmente as situadas na zona central e nas áreas residenciais mais valorizadas da cidade – anima o surgimento de uma segregação urbana que reúne proximidade física e distância social, e que transfere para o

plano das representações sociais o fardo de separar culturalmente grupos distintos, mas vizinhos (BURGOS, 2012:376)

Vinte anos se passaram e o cenário descrito por Ventura não mudou. Pior, as desigualdades sociais aumentaram e trouxeram, com a elevação abismo do econômico entre ricos e pobres, problemas ainda mais complexos, das mais diversas ordens. O tráfico não é mais um pequeno negócio local. Ele se tornou mais forte ao integrar o portfólio da máfia internacional, que passou a controlar todo tipo de atividade ilegal, como venda de drogas e armas, pirataria e prostituição, num processo de globalização do crime. O Rio de Janeiro experimenta atualmente a sensação crescente de insegurança por parte da população (G1, 30/11/2014). Ao invés da inclusão social, com investimentos em projetos de educação e de cidadania, o Estado escolhe o controle pela força, pela coerção, recrudescendo o efetivo de homens da polícia pelas ruas, aumentando a repressão a comunidades carentes, especialmente depois da instalação das Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs).

Assim, a distância social se agiganta e se consolida com as construções discursivas erguidas pela mídia, em narrativas que frequentemente associam a favela a situações de insegurança, violência e marginalidade, fomentando o estigma alimentado pelo senso comum denominado “cultura da violência” (BURGOS, 2012:377).

Imaginário social

Para melhor compreender como a mídia constroi realidades como essa, é imperativo entender que esse mecanismo atua no imaginário social. Usando a definição de Dênis de Moraes, o imaginário social é composto por “um conjunto de relações imagéticas que atuam como memória afetiva de uma cultura, um substrato ideológico mantido pela comunidade” (2009:29). Ele permite atingir as aspirações, os medos e as esperanças da sociedade. Assim, é como se, ao mostrar a favela frequentemente como local de insegurança, violência e marginalidade, a mídia elaborasse uma colagem persistente desses símbolos à favela, atribuindo, desta maneira, a aderência desses significados ao termo.

Ao abordar o imaginário social, Moraes resgata a ideologia, presente no pensamento do filósofo italiano Antonio Gramsci. Para Gramsci, toda fala é portadora de uma

ideologia, que expressa uma visão de mundo e contribui para organizar a cultura de uma determinada maneira. Toda fala é a fala de um sujeito. Toda forma de comunicação é, essencialmente, uma forma de organização da cultura. E toda fala, “toda linguagem traz em si os elementos de uma concepção de mundo e de uma cultura, inclusive na mais simples manifestação intelectual qualquer” (GRAMSCI, 1999:93). Daí, é possível refletir a respeito de que a moldagem do imaginário social se dá a partir da linguagem, “evidenciada nos atos sociais e derivadas das formas de apropriação dos símbolos e da consciência e compreensão crítica da existência social, em todas as suas nuances e complexidades” (MORAES, 2009:32).

A Rede Globo, talvez principal representante da mídia hegemônica brasileira, pode ser um exemplo adequado para ilustrar esse mecanismo. O uso estereotipado de sujeitos, tanto na escolha das reportagens exibidas pelo jornalismo, quanto na construção de personagens de novela (como o do homem que não trabalha e vive de golpes), é capaz de tecer uma imagem da favela que não corresponde à sua totalidade. Melhor dizendo, ela constroi uma narrativa que esvazia a fala histórica da cultura de um grupo social subalterno, impondo um “monopólio da fala”, (COUTINHO, 2014:27) em que a classe dominante conta a história a partir de um ponto de vista que convenha a seus interesses.

A sociedade civil é o lugar onde se dá a luta pela cultura. Nela, se constroi o consenso e a luta pela hegemonia. Diferentemente de Althusser, que considerava os aparelhos ideológicos de Estado uma condição de domínio, Gramsci alerta que não adianta conquistar o aparelho coercitivo de estado; é preciso que as camadas subalternas criem uma nova visão de mundo, que se contraponham à hegemonia, que é a visão de mundo dominante que visa o consenso do dominado.

Sendo a mídia talvez a mais forte das instituições hegemônicas, e um dos chamados aparelhos privados de hegemonia, é importante não perder de vista de que se trata de uma entidade responsável pela organização de uma visão de mundo, que contará a história a partir da sua própria perspectiva. Exemplo de como funciona esse processo é o samba. Dono de uma fala histórica de um grupo social subalterno, visto como uma ameaça simbólica, o samba era uma das vias pela qual o povo brasileiro afirmava sua identidade. Depois de décadas sendo considerado marginal, executado às escondidas, foi hegemônico pelo presidente Getúlio Vargas. Ao contrário de tentativas de presidentes

anteriores, pela coerção, Vargas usou do consenso para cooptar e absorver o samba para o sistema.

..ao contrário do uso da força e da imposição da visão de mundo, a liderança intelectual e moral de um grupo sobre outro grupo caracteriza a hegemonia. Assim, esse grupo consegue difundir seus valores e ideias para outros grupos, pelo consenso e persuasão, o que faz com que haja adesão espontânea. Pela persuasão, uma classe se torna dirigente, não dominante. (COSTA, Anotações de aula, 21/08/2014)

Pensando sob o aspecto da persuasão, é possível entender os mecanismos utilizados pela mídia para difundir e conquistar adesão do povo pelas suas ideias e valores, ajudando a construir, assim, o imaginário social. A disseminação como algo dado, de forma natural, inquestionável, é parte do trabalho desenvolvido pela hegemonia, que naturaliza a história e as relações sociais, fazendo com que os dominados acreditem que não são donos da sua própria história. Dessa maneira, no que diz respeito à mídia, estereótipos são construídos, pré-conceitos são amalgamados, dando a percepção de que o mundo é do jeito que o conhecemos, e que não temos o poder de mudá-lo.

Acontece que para toda hegemonia existe uma contra-hegemonia. É um processo dialético. Apesar de o termo não ter sido utilizado por Gramsci (e sim pelos estudiosos de seu pensamento), essa dialética está presente em todo o processo hegemônico.

A massificação imposta pela mídia, seja pelo noticiário, seja pelo conteúdo discursivo de seus produtos de entretenimento como as novelas, tão populares no Brasil, se torna um problema na medida em que o caráter histórico de determinada situação está apartado do sujeito. “O problema está em quando a massificação vira sinônimo de esvaziamento, ou seja, permanece a forma mas o conteúdo é deixado de lado” (COSTA, anotações de aula em 28/08/2014). E, mais uma vez, a favela serve como um bom exemplo desse esvaziamento de sentido na imagem construída. A partir de um noticiário de violência e medo, a mídia tece uma construção discursiva hegemônica associando a favela a essas características, preenchendo, assim, o imaginário social com esse tipo de conteúdo.

Contra-hegemonia

Numa tentativa de ir na contramão do discurso hegemônico sobre a favela, o jornal carioca O Dia publica, desde dezembro de 2012, a seção *Rio, cidade sem fronteiras*. Apesar de, em sua criação, o princípio norteador ter sido apontar possíveis mudanças no cotidiano das comunidades onde haviam sido instaladas UPPs, é possível perceber, com o passar do tempo, uma mudança na abordagem editorial. Inicialmente, *Rio, cidade sem fronteiras* era apenas uma marcação editorial para tratar de assuntos dessa natureza, passando, posteriormente, a uma coluna fixa, editada pelo jornalista André Balocco.

Para o lançamento, foi organizado um seminário com representantes das comunidades, do poder público e de ONGs afim de debater as necessidades da favela e discutir possíveis soluções. A edição de 13 de janeiro de 2013 traz uma reportagem em que a comunidade do Morro dos Prazeres cobra serviços básicos do Estado, que, mesmo com instalação da UPP, não são realizados:

Morro dos Prazeres ainda espera a ‘invasão social’

Comunidade, onde sede da UPP continua provisória, sofre com lixo e falta de conservação

Alinhado à sua proposta comercial, o jornal, até determinado momento, seguia o noticiário com assuntos ligados diretamente ao poder público. Sem mostrar a cultura da favela, atendo-se apenas ao caráter de denúncia possível de encontrar em outros jornais e até mesmo no próprio O Dia, não era possível identificar nenhuma inovação na abordagem cultural da favela com a proposta divulgada pelo periódico.

A linha hegemônica seguida por *Rio, cidade sem fronteiras* continua com a publicação de sucessivas reportagens com a mesma abordagem. É o caso da reportagem, publicada em 27 de janeiro de 2013, sobre a campanha contra Doenças Sexualmente Transmissíveis (DSTs), que destaca a “guerreira” do Morro dos Prazeres, que há 17 anos exerce um trabalho de liderança no combate a essas doenças:

A guerreira do **Prazeres**

Há 17 anos, Cris dos Prazeres lidera campanha de prevenção no morro contra as DSTs

Três dias depois, em 30 de janeiro de 2013, a seção publica reportagem relatando que o Morro dos Prazeres fora escolhido como local para o lançamento, pelo Ministério da Saúde, de campanha contra a Aids (uma DSTs). Curiosamente, a linha editorial seguida leva a concluir que a matéria anterior, de 27 de janeiro, funcionava como uma espécie de preparação do assunto, já encaminhado para fazer parte do projeto hegemônico do governo federal de alinhar seus interesses aos do estado do Rio e usar como “garota propaganda” uma comunidade “pacificada”.

Campanha contra a Aids será lançada no Prazeres

Pela primeira vez na história do país, Ministério da Saúde usará estrutura de uma favela para anunciar a importância de se usar preservativo durante o Carnaval

Os exemplos fornecidos, que retratam os primeiros meses da seção *Rio, cidade sem fronteiras*, podem ser analisados como totalmente vazios de conteúdo crítico acerca da presença das UPPs nas comunidades, das discussões a respeito do que essas favelas efetivamente precisam. Pensando com Gramsci sob esse aspecto, não se deve perder de vista que o jornalismo deve servir para que o leitor tenha, diante de si,

toda a atividade analítica em seu conjunto, que levou àquele determinado resultado. O leitor comum não tem, e não pode ter, um hábito “científico”, que só se adquire com o trabalho especializado: por isso deve ser ajudado a assimilar pelo menos o “sentido” deste hábito, através de uma atividade crítica oportuna (GRAMSCI, 2014:200).

Em 20 de abril, além da seção *Rio, cidade sem fronteiras*, o jornal inaugura um novo espaço, a coluna semanal *Rio sem fronteiras*. Mesmo longe de ser um veículo contra-hegemônico como é o caso de diversos jornais comunitários, por exemplo, é possível perceber uma mudança na escolha das pautas (no caso da seção) quanto das notas (no caso da coluna semanal). Essas mudanças já vinham sendo alinhavadas desde março e passaram a refletir aspectos culturais intrínsecos das favelas, como é o caso conflitos constantes entre moradores e poder público por conta de ameaças de remoções por parte da prefeitura. Em 6 de março de 2013, o jornal publicou:

Remoção de comunidade gera protestos no Borel

Moradores de Indiana alegam que não vivem em área de risco e querem ficar na Tijuca

Em 14 de março, outra favela foi motivo de reportagem também pela temática da remoção. Dessa vez, o Morro da Providência, onde os moradores expõem que não estão dispostos a deixar a favela e se queixam de remoção imposta pela obra de revitalização do Porto:

O morro não quer se mudar

Moradores da Providência se queixam de remoção imposta por revitalização do Porto

Considerações finais

Muito embora os casos do jornal *O Dia* expostos neste artigo não sirvam para afirmar a seção e, posteriormente, a coluna *Rio sem fronteiras* como um espaço editorial completamente contra-hegemônico na mídia, vale refletir que algumas abordagens em reportagens e notas trazem um tom questionador e de cobrança que, de certa maneira, permite que o leitor avance um pouco mais em direção ao conhecimento da realidade vivida nas favelas do Rio.

É claro o fato de que o jornal O Dia integra a mídia hegemônica do Rio de Janeiro e, como tal, contribui para a constituição de “um senso de realidade para a maioria das pessoas na sociedade, um senso de realidade absoluta” (GRAMSCI *apud* MORAES, 2009:39). Um conteúdo editorial publicado com certa reflexão crítica chama a atenção para a possibilidade de usar o espaço hegemônico do jornal como uma alternativa, de certa forma, contra-hegemônica, trabalhando o jornalismo de maneira orgânica, como porta-voz da sociedade e de suas necessidades e riquezas culturais, princípio que deve nortear as práticas comunicacionais dos veículos de imprensa.

Referências

BALOCCO, André. “Morro dos Prazeres ainda espera ‘invasão social’”, **Jornal O Dia**, 13 de janeiro de 2013

_____. “A guerreira dos Prazeres”. **Jornal O Dia**, 27 de janeiro de 2013

_____. “Campanha contra a Aids será lançada nos Prazeres”. **Jornal O Dia**, 30 de janeiro de 2013

BARBOSA, Caio. “Remoção de comunidade gera protesto no Borel”. **Jornal O Dia**, 6 de março de 2013

_____. “O morro não quer se mudar”. **Jornal O Dia**, 14 de março de 2013

BURGOS, Marcelo. **Favela: uma forma de luta pelo direito à cidade**. In Favelas cariocas: ontem e hoje. Org de Marco Antonio da Silva Mello [et al]. Rio de Janeiro: Garamond, 2012

COSTA, Ana. **Anotações de aula de Eduardo Granja Coutinho**, 21/08/2014, Escola de Comunicação da UFRJ.

_____. **Anotações de aula de Eduardo Granja Coutinho**, 28/08/2014, Escola de Comunicação da UFRJ.



COUTINHO, Eduardo Granja. **A comunicação do oprimido e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Mórula, 2014

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere**. Edição e tradução de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999 (vol 1)

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere**. Edição e tradução de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014 (vol 2)

MORAES, Dênis de. **A batalha da mídia: governos progressistas e políticas de comunicação na América Latina e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Pão e Rosas, 2009

VENTURA, Zuenir. **Cidade partida**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994

<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2013/10/moradores-sentem-inseguranca-apos-aumento-da-violencia-no-rio.html>